

Nossas crianças e a noção de perigo

Você já reparou como nossas crianças de hoje são ingênuas e facilmente ficam expostas ao perigo?

Não é novidade que os tempos mudaram, existem muito mais ameaças e exposição ao perigo do que no tempo em que éramos crianças, há uns trinta ou mais anos. Íamos à escola a pé, mesmo que esta fosse a mais de dez quadras, ou embarcávamos no ônibus de linha. Passávamos nossos períodos de folga, após os estudos, brincando na rua com os amigos, quase sempre, longe da vista de nossos pais. Não possuíamos relógio, mas sabíamos à hora das refeições ou de retornar. No máximo escutávamos ao longe alguma mãe gritando pelo filho que estava “na hora de entrar”. Era como um sinal a todas as crianças. Mas uma coisa se perdeu: devido as mudanças em nossa sociedade, os pequenos não mais trocam experiências ou vivenciam, ficam enclausuradas nas escolas, em casa, em clubes ou atividades extra-curriculares com programações previamente estabelecidas. A interação e o auto descobrimento estão ficando atrofiados. Tudo está pronto para uso, não há espaço para a imaginação e o desenvolvimento de soluções por tentativa e erro, levando nossos filhos a não experimentação das frustrações normais do aprendizado.

Os brinquedos quase que brincam sozinhos, deixando nossos filhos como meros expectadores. Óbvio que em pouco tempo não há mais interesse. Então, a mídia televisiva se encarrega de mostrar os mais novos lançamentos, com propagandas bem elaboradas onde aparecem várias crianças, aparentemente se divertindo como nunca. Quando ganham o brinquedo tão desejado, ficam “felizes” até a próxima semana. Observe a ansiedade que apresentam quando vão a uma casa de festas. Experimentam todos os brinquedos, quase que ao mesmo tempo com pouca interação com os outros amiguinhos.

Estamos moldando cidadãos para o consumo. Aos olhos do mercado, no posicionamento da nova sociedade, preparando-os para o futuro competitivo onde a lei do mais forte e o ter é melhor que o ser, transformando-os em pessoas individualistas, problemáticas que não sabem lidar com convivência e se acham possuidoras de todos os direitos mas, sem deveres. Mantemo-nas tão protegidas, devido principalmente ao fator insegurança que sequer lhes damos a oportunidade da experiência do descobrimento da amizade real e das diferenças nos relacionamentos. São só experiências virtuais entre telas de computadores. As conseqüências já podem ser observadas e infelizmente são assustadoras.

Falam de controle de bullying, simplesmente porque pais e educadores não conseguem lidar com o crescimento violento e anormal desta prática, entretanto, não se dão conta que o problema está no modo de vida atual. Sempre houve bullying, mas era praticado de forma ingênuo e, na maioria das vezes, o que recebia, no outro dia, era o que praticava. Se o menino era gordinho, seu apelido era “gordo”, se usava óculos, quatro-olhos, entretanto salvo alguns casos mais extremos, não deixávamos de ser amigos e participar juntos das mesmas brincadeiras. O que faltava na época era identificar os excessos. Quando ocorriam, eram tratados por nossos pais ou professores com um castigo e estava resolvido. Hoje, sequer as crianças sabem brincar umas com as outras, se não acredita, pergunte a um coordenador de escola quando propõe que eles decidam por alguma brincadeira. Na maioria das vezes será algo relacionado a luta. Interessante observar quando um bate no outro, percebendo pela primeira vez, que tal ato teve conseqüências: doeu! Então, vão ao encontro da professora, espantados porque aquilo não acontecia na tela do computador.

Em nosso passado recente, andávamos de bicicleta, subíamos em árvores, com fundas (bodoque) e até, meu Deus, bombas, desde as mais fraquinhas que vinham enroladas em um papel e estouravam quando jogadas até as poderosas que colocávamos em baixo de uma lata

para ver o quão alto iria. Raríssimos eram os acidentes, aprendíamos pela experiência, pela interatividade dos mais velhos com os menores, ou alguma vez você viu algum pai ensinando a colocar uma bomba dentro de uma lata emborcada? Tínhamos noção do perigo pela experiência direta. Se entregarmos hoje, uma bombinha a uma criança e pedirmos para acendê-la, provavelmente continuará segurando-a, ferindo-se. Claro que é uma coisa perigosa, no entanto era vendida a qualquer criança no armazém da esquina. Mas o que quero ilustrar é a experiência. Construímos nossos próprios carrinhos de lata, utilizando normalmente, a tesoura da mãe que depois de nossas façanhas, sequer cortava papelão, no entanto, sabíamos como a lata era afiada. Quem nos ensinou? Ou esta: Cair de uma árvore alta ou fazer alguma manobra “radical” na bicicleta, acabava com um bom corte ou osso quebrado. Como sabíamos disso? Pela experiência dos outros que nos contavam com uma riqueza de “detalhes” que sempre terminava com... E doeu muito? Na maioria das vezes não era preciso experimentar, bastava o relato de quem havia passado pela experiência. Pronto! O alerta era automaticamente implantado em nossas consciências.

Nosso maior problema ainda está por vir! Como eles interagirão no futuro? Com intolerância, cinismo, desrespeito? Precisamos retomar nossos conceitos e principalmente exigir maior investimento em educação e segurança, pois acredito que ainda podemos reverter este quadro. Sabemos que as mudanças foram tão rápidas quanto o avanço da tecnologia e nos pegaram desprevenidos. Se já percebemos o caminho que estamos trilhando, está na hora de começarmos as mudanças.

Agora, começamos a entender como os meninos ao se tornarem jovens, sequer conseguem solucionar problemas simples quando exigido alguma ação manual ou cometem atos de violência impensáveis em nosso tempo, como surrar uma professora ou ainda, utilizar uma arma contra ela e depois se matar, provavelmente pensando que desta forma foi “game over”. Basta reiniciar o jogo e tudo retorna ao início...

Mauro Nadruz - Administrador, Gestor de Segurança Pública e Privada e diretor da Activeguard (www.activeguard.com.br) possui certificação nacional CES e extensão universitária pela ADESG, sendo especialista em análise de riscos, projetos e tecnologia da segurança.